

ANTÍSTENES E A FUNDAÇÃO DO CINISMO

Bruno Karl Matsdorf
Mestrando em filosofia –IFCS/UFRJ

RESUMO: A fundação do movimento filosófico cínico tem tradicionalmente sido atribuída a Antístenes de Atenas. Diógenes de Sinope, o mais conhecido filósofo cínico da antiguidade, teria se encontrado com Antístenes. No contato com seu mestre, Diógenes teria aprendido os preceitos filosóficos que nortearam sua conduta ética, mais tarde considerada como o paradigma da conduta ética cínica. O presente trabalho examina a possibilidade histórica desse encontro, pretendendo com isso não apenas propor uma revisão da história do movimento cínico, mas principalmente estruturar novas pesquisas sobre a filosofia de Antístenes. Tradicionalmente, Antístenes tem sido descrito como um filósofo cínico. Embora o cinismo que lhe sobreveio possa guardar influências de seu trabalho, Antístenes não foi um filósofo cínico. Vários estudos realizados recentemente sobre as origens do cinismo e sobre o caráter da filosofia de Antístenes levam em consideração a discussão apresentada e sua importância para os estudiosos de filosofia grega não pode ser subestimada.

Palavras chave: História da Filosofia Grega. Cínicos. Cinismo. Diogenes de Sinope. Antístenes de Atenas.

ABSTRACT: The foundation of the cynic movement has been traditionally credited to Antisthenes of Athens. Diogenes of Sinope, the most known cynic philosopher of antiquity, would have met Antisthenes. While in touch with his master, Diogenes would have learned the philosophical basis for his ethical conduct, later regarded as the ethical paradigm for the cynical conduct. The present work exams the historical possibility of this meeting, and by doing that, intends to propose a review of the history of the cynic movement, but more importantly, to structure new researches about Antisthenes' philosophy. Traditionally, Antisthenes has been described as a cynic philosopher. Although the subsequent cynicism may have kept influences from his work, Antisthenes wasn't a cynic philosopher. Several studies have been done recently about the origins of the cynicism and on Antisthenes' philosophy where this discussion takes place. Its significance to scholars on Greek philosophy cannot be underestimated.

KEYWORDS: History of Greek Philosophy. Cynics. Cynicism. Diogenes of Sinope. Antisthenes of Athens.

Não é difícil encontrar manuais de filosofia que traçam a genealogia do cinismo posicionando Antístenes como fundador e elo deste movimento a Sócrates. Jean Humbert (2007, p. 288), por exemplo, escreve “Antístenes o cínico” no subtítulo dedicado ao filósofo em seu manual; Giovanni Reale (2009, p. 175) o identifica como fundador do cinismo nos seus manuais de filosofia antiga; Mondolfo (1965, p. 164), ao tratar da escola cínica, reafirma o paradigma, que também se faz presente no extenso tratado sobre Diógenes de Sinope escrito por Navia (2009, p. 136).

O que se pretende esclarecer com essas referências é o atual estado de coisas sobre a fundação da escola cínica. Além dos autores acima, poderíamos remeter a outros que corroboram a tese de que Antístenes seja o fundador do movimento cínico. Contudo, não parece frutífero produzir uma extensa lista de autores que concordam com esse ponto. Basta notar que essa é a posição tradicional e deixar entrevisto o grande número de estudiosos que se dedicaram a reproduzi-la.

Considerando o sem número de adeptos da posição tradicional, é possível deduzir a existência de um fundamento que a tenha feito florescer durante gerações de estudiosos de filosofia. O ponto de origem comum a todos eles é o sexto livro de Diógenes Laércio, cujo primeiro capítulo é todo dedicado a Antístenes.

É seguro ligar a concepção tradicional quanto à fundação do cinismo a Diógenes Laércio. Sua obra é hoje a mais completa e antiga narrativa sobre filósofos gregos de que dispomos e, por isso, se tornou referência para os estudiosos de autores do período clássico. No verbete que dedicou a Laércio, Simon Blackburn alerta para a relevância adquirida pelo escritor e sua obra:

Diógenes não foi um filósofo importante, mas seu livro *Vidas dos filósofos Ilustres* é a principal fonte biográfica para todos os filósofos gregos e romanos até o século III d.C., período em que se presume que Diógenes viveu. Suas referências chegam a 365 livros e 250 autores, e é quanto às citações de obras perdidas que é tido como o mais fidedigno. (BLACKBURN, 1997, p. 103)

Nesse verbete, Blackburn nos fornece pelo menos duas informações importantes para o

presente texto: a supracitada relevância do trabalho de Diógenes Laércio, ocupando o lugar de “principal fonte biográfica” para todos os filósofos gregos e romanos; e a infidelidade dos escritos de Laércio quanto às obras que não estão perdidas, já que sua fidelidade quanto às obras perdidas é considerada maior. Contudo, admitida a importância da obra de Laércio, parece forçoso admitir o que ele escreveu sobre Antístenes e a origem do cinismo, a saber, que “De Sócrates, ele [Antístenes] aprendeu a resistência e emulou-lhe a impassibilidade, dando início assim à filosofia cínica” (D.L., VI, 2). Mas como Laércio ligou Antístenes aos cínicos? E o que é cinismo?

A etimologia da palavra “cinismo” nos remete à palavra grega *κίον*, cujo significado é “cão”. Cínicos ou “κύνικοι” seriam os filósofos “caninos”. Outra explicação é a de que “cinismo” seria uma derivação do nome “Κυνόσαργες” ou “Cinosarges”, ginásio ateniense onde os filósofos cínicos supostamente se reuniam. Nesse sentido, Laércio prossegue na associação de Antístenes com o cinismo ao declarar que:

Antístenes conversava habitualmente no ginásio de Cinosarges, a pouca distância das portas, e algumas pessoas pensam que a escola cínica derivou seu nome de Cinosarges. O próprio Antístenes recebeu o nome de ‘cão puro e simples’, e foi o primeiro, como diz Dioclés, a dobrar o manto e a vestir somente essa roupa, e usar um bastão e uma sacola (D.L., VI, 13).

O manto dobrado, o bastão e a sacola presentes na citação, Dudley (1937, p.6) identificará com o *τριβων*, o equipamento usual do filósofo cínico. Conclui-se que Laércio, não satisfeito em associar Antístenes ao ginásio Cinosarges e ao epíteto “cão”, veste Antístenes de maneira tipicamente cínica. Ainda segundo Diógenes Laércio, Diógenes de Sinope, o mais famoso dos filósofos cínicos, teria sido discípulo direto de Antístenes. Sobre isso, Laércio sustenta não só a existência da relação mestre – discípulo, como também dá detalhes dessa relação:

Chegando a Atenas, [Diógenes de Sinope] encontrou-se com Antístenes; repellido por este, que nunca recebia bem os discípulos, graças à sua perseverança conseguiu convencê-lo. Certa vez, quando Antístenes ergueu o bastão contra Diógenes, este ofereceu a cabeça, acrescentando: ‘Golpeia, pois não acharás madeira tão dura que possa fazer-me desistir de conseguir que me digas alguma coisa, como me parece que é teu dever’. Desde essa ocasião passou a ser seu ouvinte, e na qualidade de exilado adotou um modo de vida modesto (D. L., VI, 21).

Na fundamentação da tese de que Antístenes fundou a escola cínica, temos Diógenes de Sinope, indiscutivelmente um cínico, apresentado como pupilo de Antístenes por Diógenes Laércio. Diógenes de Sinope teria encontrado seu mestre em Atenas e aprendido com ele os fundamentos do que teria defendido posteriormente. Em conjunto com a aproximação de Antístenes ao termo grego “κίον” e com o ginásio “Κυνόσαργες” e a atribuição da vestimenta típica cínica a Antístenes, é possível compreender por que os estudos sobre o cinismo tomam Antístenes por iniciador daquele movimento.

Conclusivamente, para que a influência dos escritos de Diógenes Laércio fique ainda mais clara, poderíamos citar além de Mondolfo, Zeller (1934, p. 125), Gomperz (1913, p. 142) e Stace (2010, p. 66), todos eles estudiosos influentes e autores dos compêndios de filosofia muito estudados e reproduzidos, todos influenciados pelo testemunho de Laércio.

SOBRE A ESCOLA CÍNICA

Como já vimos, muitos estudiosos seguiram Laércio ao identificar Antístenes como fundador da “escola” cínica. Antes de avançarmos a discussão, é necessário esclarecer a natureza daquilo que se convencionou aqui como “escola” ou “movimento” cínico; deixe-se bem entendido que tais termos possuem aplicabilidade limitada no entendimento do nosso estudo, como nos alerta Branhan e Goulet-Cazé (2007, p. 12):

A natureza do ‘movimento’ e a sua longevidade pedem alguma explicação. O cinismo não foi uma ‘escola’: os filósofos cínicos não davam aulas num local específico, nem encontramos entre eles mestres sucedendo uns aos outros na liderança de uma instituição. Sua filosofia era menos uma questão de classes ou aulas do que de mimese – a imitação em ação de figuras exemplares. Em outras palavras, o que temos aqui é mais bem compreendido não como uma escola, mas como um movimento filosófico e mesmo cultural que, embora altamente diversificado, permaneceu fiel ao exemplo de Diógenes – ao seu modo de vida e dos seus princípios filosóficos da forma como foram interpretados ao longo dos séculos.

Em concordância com a passagem supracitada, Seddon exporá a fragilidade da ideia de uma organização ou instituição cínica, qualquer que seja o caráter a ela atribuído, pois

segundo ele:

Para ser claro, aos cínicos faltava uma estrutura organizacional. Eles não possuíam bastiões de qualquer tipo – prédios ou lugares – onde eles ensinasse ou promovessem a filosofia deles ou onde praticassem o modo de vida deles, em contraste distinto com a academia de Platão, o liceu de Aristóteles, o jardim de Epicuro ou a stoa (pórtico) de Zenão. Eles não tinham um líder ou representante cuja liderança direcionasse as atividades da escola ou que fosse proprietário dos ativos da escola. E não menos significativamente, novamente em contraste com outras escolas, os cínicos não possuíam um corpo central de ensino: muitos cínicos escreveram livros, claro – Diógenes Laércio lista um notável número deles¹ – mas nenhuma combinação para formar um currículo mínimo que fosse usado por professores diferentes em lugares diferentes e em diferentes tempos (em completo contraste com as obras de Crisipo, digamos, utilizado pelos estoicos para ensinar um programa padronizado) (SEDDON & YONGE, 2008, p. 25).

Também Foucault, em um seminário intitulado “*Parrhesiasts – Diogenes: the cynic philosophers and their techniques*” realizado no campus UC Berkeley em 1983, mencionando as dificuldades de se estudar o cinismo, parece de acordo com os autores já citados:

Na tradição platônica, aristotélica e estoica, filósofos referiam-se principalmente a uma doutrina, texto, ou pelo menos a alguns princípios teóricos da filosofia deles. Na tradição epicurista, os seguidores de Epicuro referem-se a uma doutrina e ainda ao exemplo pessoal dado por Epicuro – o qual todo epicurista tentava imitar. Epicuro originou a doutrina e era também uma personificação dela. Mas agora, na tradição cínica, as principais referências para a filosofia não são textos ou doutrinas, mas as vidas exemplares. Exemplos pessoais também eram importantes em outras escolas filosóficas, mas no movimento cínico – onde não existiam textos estabelecidos, nenhuma doutrina assentada ou reconhecida – referências eram sempre feitas a certas personalidades reais ou míticas que eram tomadas como fontes do cinismo como um modo de vida. Tais personalidades eram o ponto inicial para a reflexão e o comentário cínico (FOUCAULT, 1983, p. 3).

Para deixar claro, a falta de escolas, prédios ou de qualquer estrutura organizacional combinada com a falta de textos centrais que possam estabelecer suas doutrinas são características que apresentam-se ainda hoje como dificuldades incontornáveis em

¹ O “notável número” de livros aos quais Seddon se refere nessa passagem certamente considera os livros de Antístenes como livros cínicos. Ao excluirmos os livros de Antístenes dessa lista, obteremos outra mais modesta.

qualquer estudo que se debruce sobre o movimento cínico. Apesar disso, utilizaremos os termos “escola cínica”, “movimento cínico” e “ cinismo” indistintamente ao fazermos referência àqueles filósofos que tomaram Diógenes de Sinope por paradigma e viveram de acordo com o seu exemplo.

CINOSARGES: A ESCOLA CÍNICA?

Como acabamos de expor, faltava aos cínicos um lugar que pudesse ser identificado com o movimento. Laércio sustenta que Antístenes conversava no ginásio Cinosarges, lugar esse que pode estar na origem do nome que os cínicos receberam. Temos aí um problema: não seria o ginásio que originou o nome do movimento, o lugar onde esses filósofos se reuniam, conversavam e debatiam? Ou, de maneira mais precisa, não seria o ginásio Cinosarges a escola cínica? A pesquisa quanto a esse ponto lança dúvida sobre isso. Vejamos o que Lemos, citando M.-F. Billot² (2007, p. 113) escreve sobre o assunto:

De uma parte, as falsas etimologias de *Kynosargos* eram evidentes demais, bastante bem ancoradas na mentalidade religiosa para não favorecer, pelo menos, as anedotas a Antístenes que permitiam de se ter, o primeiro de todos, querido e reconhecido cão, cão por excelência, da mesma forma que sustentaram as surpreendentes braquilogias que fazem derivar *kyniké* de *kynósarges*.

Explicitando o conteúdo da passagem, Lemos (2007, p. 113) escreve:

A razão da recusa dessa tradição por parte da autora está no fato de que a relação de Antístenes com esse ginásio se liga à sua formação e não às consequências de seus ensinamentos; em termos mais claros, Antístenes se teria estabelecido em Cinosarges como atitude caracteristicamente sofística, e em tal ginásio não se seguiu uma escola depois dele, nem há documentos que testemunhem que o movimento cínico se ligou ao local, a não ser, é evidente, a etimologia tradicional.

O que teria levado Antístenes ao Cinosarges, segundo M.-F. Billot, era o fato desse ginásio ser destinado aos *nóthoi* (àqueles que nascem de pai ateniense e mãe estrangeira, como Antístenes, filho de uma trácia). Antístenes o teria frequentado quando jovem.

² Todas as nossas citações ao trabalho dela foram feitas antes por Lemos na sua tese “Antístenes de Atenas ou sobre o prazer da linguagem”.

Dudley (1937, p. 5) também menciona o problema:

Algumas pessoas pensam que a escola cínica deriva seu nome dos Cinosarges, e Antístenes era ele próprio chamado de *Ἀπλοχύων* (ou *Ἀνιοχύων*). [...] Não existe evidência de que Crates ou Diógenes fizeram uso do Cinosarges; logo, podemos inferir que a etimologia que deriva “Cínico” de Cinosarges foi uma invenção dos escritores de *διαδοχαί*³.

Para Sayre, “O mito do Cinosarges é um absurdo, pois não havia cínicos no tempo de Antístenes” (SAYRE, 1948, p. 5).

Pretendemos esclarecer a primeira dificuldade do presente texto, ou seja, saber se o movimento cínico contava ou não com um ponto de encontro ou qualquer coisa similar a uma escola, e ainda se esse lugar poderia ser identificado como o ginásio ateniense Cinosarges, como testemunha Laércio. De acordo com os autores, e pelos motivos citados, o movimento cínico não contava com um lugar com o qual se identificasse e a presença de filósofos cínicos no Cinosarges é bastante discutível.

A IMPORTÂNCIA DE DIÓGENES DE SINOPE PARA O CINISMO

A “escola” cínica está indissociavelmente ligada com aquele filósofo mais conhecido pelo epíteto “cão”: Diógenes de Sinope adquiriu tal estatura no movimento que estórias sobre ele transmitidas oralmente eram ensinamentos cínicos por excelência, como atesta Sayre (1948, p. 25):

As tradições cínicas eram orais e consistiam na maior parte de estórias de Diógenes, um personagem semi-mítico; já que pouco era conhecido dele, ele era um veículo conveniente no qual os cínicos localizavam estórias expressando suas ideias. Acredita-se que existiu um vasto número dessas estórias e que apenas uma pequena proporção delas foi preservada.

Diógenes nasceu em Sinope, no Ponto, uma cidade de importância comercial localizada na borda externa do mundo grego. O pai dele era aparentemente um homem de posição e acabou exilado de sua terra natal. Para Reale, a data do nascimento e da morte de Diógenes é assunto bastante controverso. Segundo ele,

3 O termo *διαδοχαί* (plural do termo *διαδοχή*) significa aqui “sucessões”. Dudley o utiliza em referência àquelas obras, muito populares na época de Diógenes Laércio, em que são listados grande número de filósofos e onde são fornecidos traços doutrinários e anedotas biográficas sobre eles. Essas obras tendem a apresentar uns sucedendo os outros, como Antístenes sucedendo Sócrates, ou Diógenes sucedendo Antístenes.

As datas mais seguras continuam sendo as indicadas por Diógenes Laércio, o qual informa que o nosso filósofo ‘era velho na CXIII olimpíada [ou seja, em 328 – 325 a.C.]’ (VI, 79 – Giannantoni, v B, 92), que morreu ‘com cerca de 90 anos’ (VI, 76 = Giannantoni, v B, 90), e que morreu em Corinto, no mesmo dia em que Alexandre morreu em Babilônia [= 323 a. C.], (VI, 79 = Giannantoni, v B, 92) (REALE, 1994, p. 25).

Ele prossegue sua narrativa sobre Diógenes nos informando que “[...] coube a Diógenes de Sinope a ventura de se tornar o representante mais típico e o símbolo desse movimento espiritual” (REALE, 1994, p. 25). Com relação à fundação do cinismo, Reale e Dudley estão em desacordo; contudo, quanto à relevância de Diógenes para o movimento, a opinião dos dois é convergente; Dudley diz expressamente que “Nós podemos concordar com Vallette que ele [Antístenes] foi o precursor do cinismo, mas para o fundador da seita nós devemos nos virar para Diógenes de Sinope” (DUDLEY, 1937, p. 15).

Como podemos perceber, Diógenes de Sinope tem importância fundamental para o nascimento e desenvolvimento do cinismo, mesmo entre autores divergentes. Gomperz assevera o papel do filósofo para o movimento ao afirmar que “Diógenes foi o primeiro a entender os ideais cínicos inteiramente. Ele pode ser chamado de ‘pai do cinismo prático’” (GOMPERZ, 1905, p. 155). No livro que escreveu e dedicou inteiramente à Diógenes, Navia (2009, p. 16) assim dimensiona o filósofo dentro do movimento: “Os antigos cínicos, como seria de esperar, idolatraram e glorificaram seu nome (o nome de Diógenes), viram-no como um paradigma inigualável de virtude e como a própria encarnação da vida filosófica”. Dias (2011, p.14) nos informa do alcance do nome de Diógenes ao afirmar que “Diógenes foi o mais conhecido filósofo entre aqueles que se denominavam cínicos”.

Cabe ao presente texto introduzir a figura de Diógenes de Sinope na discussão, já que se pretende aqui investigar a noção tradicional de que Antístenes teria fundado a “escola” ou “movimento” cínico. Parece-nos claro que qualquer estudo sobre cinismo que não leve em consideração o amálgama do movimento com a figura de Diógenes não terá sido adequadamente encaminhado. Ao ressaltar a ligação do filósofo com o cinismo, e mesmo a fusão que parece ter ocorrido entre as doutrinas cínicas e as histórias sobre Diógenes, pretendemos esclarecer que, em alguma medida, discernir entre as ideias de Antístenes e dos cínicos é discernir entre as ideias de Antístenes e Diógenes,

unidos por Laércio como mestre e discípulo, como vimos anteriormente (D.L., VI, 21).

ANTÍSTENES E OS CÍNICOS: UMA ASSOCIAÇÃO IMPROVÁVEL

O trabalho de revisão da tradição cínica, começado por Schwartz e Moellendorff⁴ no século XIX, foi levado a cabo nos séculos XX e XXI por outros estudiosos, entre eles, Dudley (1937), Sayre (1948), Giannantoni (1993) e Long (2007). Mas foi no livro *A History of Cynicism from Diogenes to 6th century A.D.*, escrito por Dudley, que a pesquisa numismática empreendida por Seltman ganhou visibilidade e relevância nessa revisão.

A pesquisa numismática caracteriza-se pelo estudo de moedas e medalhas de todos os tempos e países. Em uma publicação de 1936, em Londres, organizada por J. Allan, chamada *Transactions of the International Numismatic Congress*, C. T. Seltman discorre sobre as peculiaridades de algumas moedas oriundas de Sinope, que podem ajudar a desfazer o que seria uma falsificação histórica. Segundo Dudley, “Antigas fabricações literárias são normalmente descobertas pela fórmula *cui bono?*; então aqui, quem ganharia se Diógenes fosse retratado como pupilo de Antístenes?” (DUDLEY, 1937, p. 3). Eis a resposta para aquela pergunta, segundo Dudley (1937, p. 4):

Os estoicos reconheciam os méritos do cinismo, ‘o homem sábio interpretará o cínico, pois cinismo é um atalho para a virtude, como Apolodoro diz em sua ética’ (D.L., VI 22). Eles provavelmente consideravam cinismo como representação em sua forma mais pura da tradição ética de Sócrates, e estariam particularmente ansiosos para mostrar que eles mesmos eram os herdeiros daquela tradição. Logo estava construída a ‘sucessão’ Sócrates – Antístenes – Diógenes – Crates – Zenão; e logo Epitecto pôde usar Sócrates, Antístenes e Diógenes como boas divindades para os credos éticos estoicos.

Nesse contexto, os estoicos seriam beneficiados se Diógenes fosse discípulo de Antístenes, e por isso, teriam, com a ajuda de escritores alexandrinos de livros sobre as sucessões dos filósofos, criado o encontro de Antístenes e Diógenes.

O que algumas moedas antigas oriundas de Sinope podem fazer para corroborar a interpretação de Dudley e desfazer uma falsificação histórica? Esclarecemos em seguida.

⁴ No livro *História da Filosofia Grega e Romana Vol. II* (p. 176), Giovanni Reale coloca E. Schwartz e Wilamowitz Moellendorff entre os primeiros estudiosos a questionar a origem do movimento cínico.

DIÓGENES DE SINOPE, O DESFIGURADOR DA MOEDA

A influente biografia de Diógenes de Sinope escrita por Diógenes Laércio é aceita e repetida por vários estudiosos. Trata-se de um tópico fundamental para a condução da discussão sobre a fundação do cinismo e é um caso raro de relato histórico corroborado por evidências materiais. Aprecieiros:

Diógenes, filho do banqueiro ΙΚΕΣΙΟ (Icesio), nasceu em Sinope. Dioclés revela que ele viveu no exílio porque seu pai, a quem fora confiado o dinheiro do estado, desfigurou⁵ a moeda corrente. Entretanto, Ebulides, em seu livro sobre Diógenes, afirma que o próprio Diógenes agiu dessa maneira e foi forçado a deixar a terra natal junto com seu pai. Diógenes, aliás, em sua obra *Pôrdalos*, confessa a adulteração da moeda. Dizem alguns autores que, tendo sido nomeado superintendente, deixou-se persuadir pelos operários, e foi a Delfos ou ao oráculo Délio na pátria de Apolo perguntar se deveria fazer aquilo a que desejavam induzi-lo. O deus deu-lhe permissão para alterar as instituições políticas, porém ele não entendeu e adulterou a moeda. Descoberto, segundo alguns autores, foi exilado, e, segundo outros, deixou a cidade espontaneamente. Outros autores contam ainda que o pai lhe confiou a cunhagem da moeda e que ele a adulterou; o pai foi preso e morreu; o próprio Diógenes fugiu e foi a Delfos perguntar não se devia falsificar a moeda, mas sim o que devia fazer para tornar-se mais famoso, e então recebeu o oráculo supramencionado. Chegando a Atenas, encontrou-se com Antístenes; repellido por este, que nunca recebia bem os discípulos, graças à sua perseverança conseguiu convencê-lo. Certa vez, quando Antístenes ergueu o bastão contra Diógenes, este ofereceu a cabeça, acrescentando: ‘Golpeia, pois não acharás madeira tão dura que possa fazer-me desistir de conseguir que me digas alguma coisa, como me parece que é teu dever’. Desde essa ocasião passou a ser seu ouvinte, e na qualidade de exilado adotou um modo de vida modesto (D.L, VI, 20-21).

Sobre aquilo que escreve Laércio acerca da vida de Diógenes de Sinope, gostaríamos de ressaltar três pontos importantes para a presente discussão: primeiro, ainda que a autoria da desfiguração da moeda não esteja bem determinada, Laércio deixa claro que Diógenes estava ao lado de seu pai, ΙΚΕΣΙΟ (Icesio), no momento em que ocorreu a desfiguração das moedas; em seguida, depois de descoberta a fraude, Diógenes teria sido exilado ou teria saído de Sinope espontaneamente (mais uma vez, Laércio não parece seguro dos acontecimentos); por fim, ao chegar a Atenas depois do incidente,

⁵ Na edição em inglês de Yonge “*had defaced the currency*”, ou “*tinha desfigurado a moeda corrente*”.

Diógenes de Sinope encontra Antístenes e passa a ser seu discípulo. Tendo em mente esses três pontos, avancemos na discussão.

SELTMAN E AS MOEDAS DESFIGURADAS

Com o propósito de expor a pesquisa de Seltman resumidamente, acompanhemos o sumário substancial escrito por Dudley:

A evidência do Sr. Seltman é aqui brevemente reproduzida. Sinope, como a mais importante cidade do Euxine, editou uma sucessão ininterrupta de boas moedas cronológicas através do quarto século. Isso finda em três edições – a primeira cobrindo os anos precedentes a 370 a.C. (Obverso uma cabeça de ninfa, reverso águia sobre golfinho, as letras ΣΙΝΩ e duas ou mais letras do nome de um magistrado), a segunda 37[0?]⁶-362 a.C., quando Sinope estava sobre o controle do sátrapa Datames de Dascylium (o mesmo que acima, exceto que ΣΙΝΩ é substituído por ΔΑΤΑΜΑ); o terceiro, de 362 a.C. até pelo menos 310 a.C. (o mesmo da primeira edição, exceto que existe frequentemente um aplustre em frente à cabeça da ninfa). Nove moedas são listadas no *Reçueil General dès Monnaies Grecques d'Asie Mineure* que trazem, como nome do magistrado, as letras ΙΚΕΣΙΟ, e que pertencem à terceira série. Então, algum tempo depois de 362 a.C., um magistrado com o mesmo nome daquele dado ao pai de Diógenes estava efetivamente a cargo da casa da moeda de Sinope. E sobre παραχάραξις? Além das três edições das boas moedas gregas, encontramos um grande número de imitações estranhas á moeda corrente de Sinope. O Sr. Seltman cita 37 moedas com tipos de Sinope, mas com legenda aramaica Ariawrath, e 18 com as letras aramaicas ABDSSN, ou 55 moedas no total. ARIAWRATH deve ser Ariathes, sátrapa da Capadócia entre 351 e 333 a.C. Além das moedas trazendo legendas aramaicas que o Sr. Seltman demonstra não poderem ter sido forjadas em Sinope, temos 40 espécies de uma imitação bárbara dos tipos de Sinope, com letras gregas atabalhoadas. A inferência é clara. Durante a década seguinte a 350 a.C. o crédito de Sinope foi seriamente minado pela circulação de imitações de sua moeda corrente, emanando notavelmente do sátrapa da Capadócia. Que ação foi tomada para enfrentar a situação é prontamente vista. Das 55 moedas com legendas em Aramaico, 31 (ou algo em torno de 60%), das 40 moedas bárbaras, 8 (ou 20%), foram arruinadas por uma grande marca de cinzel. Isso foi feito para colocá-las fora de circulação; e é, argumenta o Sr. Seltman, παραχάραξις no verdadeiro sentido do quarto século (DUDLEY, 1937, p. 54-55).

⁶ Dudley escreve o ano utilizando o ponto de interrogação, da mesma maneira que fizemos na tradução do trecho acima citado, indicando que pairam dúvidas quanto àquela data.

Antes de prosseguirmos com a discussão sobre os achados do Sr. Seltman, parece frutífero reforçar aquilo que já salientamos em outro lugar, ou seja, a corroboração dos testemunhos biográficos de Diógenes de Sinope escritos por Laércio. A harmonia entre as evidências materiais e o testemunho que temos sobre a vida de Diógenes de Sinope são percebidos por Seddon. Para ele:

A pesquisa numismática revela alguns fatos interessantes. Navia (1998, 23) relata que é sabido que um homem de nome ΙΚΕΣΙΟ estava mesmo responsável pela cunhagem de moedas em Sinope em algum momento por volta da primeira metade do 4º século a.C., e que, por volta do ano 350 a.C., uma larga proporção de moedas deterioradas e falsificadas estava de fato em circulação. Muitas moedas de Sinope daquele período mostram o selo da cidade no lado da frente e o nome do entalhador no lado reverso, e esse nome é ΙΚΕΣΙΟ, o nome que Laércio grava como o nome do pai de Diógenes de Sinope. Ademais, muitas dessas moedas mostram sinais de terem sido deliberadamente borradas ou danificadas, sugerindo a possibilidade de que alguém fez um esforço concentrado para colocar um grande número delas fora de circulação. Mais evidências quanto à possível verdade atrás de qualquer dos vários depoimentos que Diógenes Laércio oferece nesse parágrafo de abertura são tristemente escassas. A possibilidade intrigante é que Diógenes foi mesmo, de um jeito ou outro, intimamente conectado à deterioração das moedas de Sinope, se não como perpetrador, então como cúmplice ou assistente de seu pai. (SEDDON, 2010, p. 62).

A pesquisa numismática, que “revela alguns fatos interessantes”, corroborando a história de Laércio por meio de moedas portando o nome de ΙΚΕΣΙΟ (Icesio), pai de Diógenes, atesta que essas moedas fazem parte da terceira edição, posta em circulação de 362 a 310 a.C. Como nos informa Dudley, temos ainda que “Ariathes não se tornou sátrapa da Capadócia até 351 a.C; como 40% das edições dele não foram desfiguradas⁷, a inferência é de que essa medida não foi tomada antes que as edições dele se prolongassem por alguns anos” (DUDLEY, 1937, p. 55). Em 351 a.C., portanto, o pai de Diógenes era o encarregado da casa da moeda de Sinope, a quem coube a tarefa de desfigurar as moedas falsificadas de Ariathes. Isso explicaria os motivos que fizeram ΙΚΕΣΙΟ e o filho caírem em desgraça, pois, segundo o sumário de Dudley (1937, p. 55):

ΙΚΕΣΙΟ, então, encarregado de retirar de circulação a moeda falsa⁸, agia segundo os melhores interesses do estado; por que sofreu

⁷ *Paracharacted*, no original em inglês.

⁸ *Sound money man*, no original em inglês.

encarceramento? O sr. Seltman possui duas sugestões: depois do controle de Datames em Sinope de 370 a 362 a.C. existiu provavelmente um grupo pró-persas na cidade, que poderia facilmente dizer que a παραχάραξις das moedas do sátrapa Capadócio era um insulto que provavelmente os levariam a ter problemas. Ademais, a παραχάραξις não se restringiu à moeda corrente falsificada: das boas moedas de Sinope, 2 entre 43 listadas na primeira edição e 10 entre as 130 da terceira também tinham sido desfiguradas. Isso se devia provavelmente à falta de cuidado de oficiais subordinados, mas poderia se tornar uma acusação séria contra os mestres da casa da moeda. Então, por uma ou ambas as razões, ΙΚΕΣΙΟ foi encarcerado, e seu filho Diógenes, que era um assistente no lugar, foi condenado ao exílio.

Considerando a evidência numismática, é possível dizer com alguma segurança que, em 351 a.C., data em que Ariathes foi elevado ao posto de sátrapa da Capadócia, ΙΚΕΣΙΟ era responsável pela cunhagem e manutenção da moeda de Sinope.

A pesquisa numismática aponta para um problema de ordem cronológica, pois, segundo o que se sabe, Antístenes teria morrido em 366(5) a.C. A data do falecimento de Antístenes goza de ampla aceitação no meio acadêmico, como podemos ver em Kury (1988, p. 153), Eucken (2002, p. 147), Mondolfo (1966, p. 164) e Zeller (1877, p. 285). Se é verdade que a desfiguração das moedas ocorreu depois que Ariathes tornou-se sátrapa em 351 a.C., então Diógenes saiu de Sinope no mínimo 14 anos depois da morte de Antístenes (351 a. C.).

Cabe recordarmos nesse ponto os três fatos que enfatizamos na biografia de Diógenes de Sinope que Laércio escreve. São eles: 1. Diógenes estava ao lado de seu pai no momento em que ocorreu a desfiguração das moedas; 2. Descoberta a fraude, Diógenes teria evadido Sinope; e 3. Diógenes encontra Antístenes e passa a ser seu discípulo depois do incidente.

De maneira sintética, juntando ao testemunho de Laércio as evidências numismáticas de Seltman (apud DUDLEY), teríamos a seguinte ordenação dos fatos: 366 a.C., data mais aceita para a morte de Antístenes de Atenas; 362 a.C., data provável do início das emissões de moeda do terceiro período identificado por Seltman, sob responsabilidade de ΙΚΕΣΙΟ; 351 a. C., Ariathes torna-se sátrapa da Capadócia e passa a cunhar moedas de Sinope. Durante a década compreendida entre 351 a.C. até 341 a.C., o crédito de Sinope é seriamente minado por imitações da moeda da cidade. ΙΚΕΣΙΟ (Icesio) desfigura moedas na tentativa de recuperar o sistema monetário, é apanhado e preso no processo, vê o filho Diógenes tornar-se fugitivo ou exilado. Obrigado a deixar

a cidade natal, Diógenes passa a viver filosoficamente nas cidades da magna Grécia, anos depois da morte de Antístenes.

Para Dudley, “A data de chegada de Diógenes em Atenas deu-se muito mais tarde do que a data tradicional, por conseguinte reforçando a contenda na qual a associação dele com Antístenes é uma invenção” (DUDLEY, 1937, p. 21). No apêndice do artigo intitulado “A tradição socrática: Diógenes, Crates e a ética helenística”, publicado no livro “Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e seu legado”, Long pondera sobre a proximidade da evidência histórica com a biografia escrita por Laércio:

Sendo cerca de quarenta anos mais jovem do que Antístenes, Diógenes poderia ter tido contato próximo com ele, mas é bastante possível que nunca tenham se encontrado. [...] Se Seltman está certo, as moedas não foram adulteradas por motivos criminosos, mas para colocar dinheiro ruim fora de circulação. Como quer que tenha sido, as evidências numismáticas oferecem uma corroboração notável da biografia. [...] se as evidências numismáticas e as datações associadas forem significativas, os eventos em Sinope provavelmente precederam e ajudaram a influenciar a decisão de Diógenes de desfigurar a moeda no sentido cínico; nesse caso, Diógenes estaria em seus 50 anos quando foi a Grécia pela primeira vez; e não só Antístenes então já estaria morto, como possivelmente também Platão, com quem a tradição biográfica o associa (LONG, 2007, p. 57).

Long (2007, p. 43) ressalta a dificuldade cronológica da associação tradicional de Antístenes e Diógenes, e enfatiza o papel problematizante da pesquisa numismática nessa dificuldade. Para ele, “A relação mestre – aluno entre eles [Antístenes e Diógenes] e o tratamento de Antístenes como um fundador do cinismo são quase certamente uma invenção biográfica antiga”.

Não é possível deixar de perceber que, no apêndice B do mesmo livro no qual escreve Long, Goulet-Cazé (2007, p. 445-446) aborda a questão da fundação do movimento cínico em um breve ensaio intitulado “Quem foi o primeiro cão?”, onde sustenta que “Todos os argumentos recentemente reunidos por Giannantoni⁹ apoiam a ideia de que o cinismo tenha se originado com Diógenes”, e identifica essa hipótese como “a hipótese hoje dominante”. Parece claro que a intenção da autora com o ensaio é suscitar a curiosidade sobre a questão levantada pelo presente texto, o que a leva a procurar dificuldades para a “hipótese dominante”, ou seja, busca reconsiderar

⁹ Apesar de encontrarmos numerosas referências ao trabalho de Giannantoni durante o levantamento bibliográfico para a presente pesquisa, não tivemos acesso aos textos do autor.

Antístenes como fundador do cinismo, uma vez que a fundação do cinismo é hoje comumente atribuída a Diógenes de Sinope.

De acordo com a “hipótese dominante”, mas se bem que oferecendo um entendimento mais crítico, Sayre (1948, p. 28) defende que o “Cinismo não é Antistênico e nem Diogênico”, querendo dizer que nem Antístenes nem Diógenes podem ser considerados fundadores do cinismo.

Apesar das evidências numismáticas apontarem para a necessidade de um trabalho de revisão das origens do cinismo, não existe maneira de sustentar que Diógenes de Sinope não tenha conhecido as obras de Antístenes ou que não tenha tido contato com as ideias do ateniense, o que permite que consideremos Antístenes como um “inspirador” para o movimento cínico; mas então também Sócrates poderia ser apontado como inspiração, mas nem por isso seria lícito considerar considerar Sócrates um cínico, tanto quanto não o é considerar Antístenes um cínico.

Tal revisão é importante não só para o estudo do cinismo, mas principalmente para o estudo de Antístenes, entendido ordinariamente como um cínico, o que além do mais, é uma interpretação anacrônica. Segundo nos parece, e se Dudley estiver certo, talvez o estoicismo esteja mais próximo do pensamento de Antístenes, uma vez que os estoicos se associaram a ele por entendê-lo como um precursor dos ideais que vieram a defender mais tarde. A influência de Antístenes sobre Diógenes e o movimento cínico, bem como os desdobramentos de sua filosofia junto aos estoicos não podem ser subestimados e merecem ser estudados. O que não parece natural é o processo contrário, a saber, estabelecer quais seriam as doutrinas de Antístenes com base no que sabemos sobre os cínicos e os estoicos. Segundo nos parece, o caminho mais apropriado para estudar Antístenes parte do estudo de Sócrates, e ainda assim, com muita cautela ao lidar com o Sócrates platônico e concentrando-nos o quanto possível no Sócrates de Xenofonte¹⁰.

10 Alguns estudiosos têm argumentado que o retrato de Sócrates feito por Xenofonte carrega a influência de Antístenes. Para mais sobre essa questão, veja A. Chroust, *Socrates: Man and Myth. The two socratic apologies of Xenophon* (Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame press, 1957), especialmente “*The Antisthenian Elements in the two apologies of Xenophon*” (p. 101-163).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLACKBURN, S. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Tradução de Desidério Murcho, Pedro Galvão, Ana Cristina Domingues, Pedro Santos, Clara Joana Martins e Antonio Horta Branco. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRANHAN, R.B & GOULET-CAZÉT, M.O. (ed) *Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2007.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de M.G. Kury. Brasília: Editora UnB, 1988.

_____. *The lives and opinions of eminent philosophers*. Trad. C.D. Yonge. London: Henry G. Bohn, York Street, Covent Garden, 1853.

DUDLEY, D. *A History of Cynicism from Diogenes to 6th century A.D.* Cambridge: University Press, 1937.

FOUCAULT, M. *Parrhesiasts – DiOgenes: The cynic philosophers and their techniques*. Excerto de um seminário dado por Foucault em público no Campus UC Berkeley em 1983. Disponível em: <http://foucault.info/documents/parrhesiasts/foucault.diogenes.en.html>. Acessado em: 03/12/2010.

GIANNANTONI, G. *Antistene Fondatore della Scuola Cinica?*, in M.-O. Goulet Cazé e R. Goulet (ed.), *Le Cynisme Ancien et ses Prolongements*, Actes du Colloque International du CNRS, 1991. Paris : PUF, 1993, p. 15-34.

GOMPERZ, T. *Greek Thinkers, A history of ancient philosophy*, v. 2. Trad. G. G. Berry. Londres: John Murray, Albemarle Street, 1913.

GOULET-CAZÉT, M.O. *Quem foi o primeiro cão?* In: BRANHAN, R.B & GOULET-CAZÉT, M.O. (ed) *Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2007.

HUMBERT, J. *Sócrates y los Socráticos menores*. Traducción Francisco Bravo. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericanos C.A., 2007.

KURY, M. G. *Introdução e notas*. In: DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de M.G. Kury. Brasília: Editora UnB, 1988.

LEMOES, C. A. *Antístenes de Atenas ou sobre o prazer da linguagem*. 2007. 274f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2007.

- LONG, A.A. *A tradição socrática: Diógenes, Crates e a ética helenística*. In: BRANHAN, R.B & GOULET-CAZÉT, M.O. (ed) *Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2007.
- MONDOLFO, R. *O pensamento antigo*. Tradução de L. G. da Mota. São Paulo: Mestre Jou, 1965.
- NAVIA, L. *Diógenes, o cínico*. Tradução de João Miguel Moreira Auto; Tradução do texto grego Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.
- REALE, G. *História da Filosofia Grega e Romana: Sofistas, Sócrates e Socráticos Menores*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *História da Filosofia Antiga v.3: Os sistemas da era helenística*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1995.
- SEDDON, K & C.D.YONGE. *An outline of cynic philosophy: Antisthenes of Athens and Diogenes of Sinope in Diogenes Laércio Book Six*. Raleigh: Ed. Lulu, 2010.
- SAYRE, F. *The Greek Cynics*. Baltimore: J. H. Furst Company, 1948.
- STACE, W.T. *A critical history of greek philosophy*. Project Gutenberg EBook, 2010.
- ZELLER, E. *Socrates and the socratic schools*. Trad. Oswald J. Reichel. Londres: Longmans, Green & CO, 1877.